

■ Práticas colaborativas em torno do comum: estudo de caso do movimento Concha Ativa

Carlos Eduardo Falcão Luna
Isaac Fernando Ferreira Filho

Introdução

Ocupar os espaços públicos, sejam eles físicos ou virtuais, é uma demanda premente àqueles que desejam conduzir suas vidas com autonomia e tentam resistir ao avassalador poder do capital financeiro. Multinacionais e governos estatais se apoderam do que é público e agenciam uma estrutura de poder que oprime os menos abastados e mantém o privilégio dos poderosos.

A articulação de várias pessoas neste contexto é fundamental para que não se sintam sozinhos em sua luta pela subsistência e por uma vida mais autônoma. O ato de aglutinar envolve estabelecer um comum que faça com que todos lancem mão de suas habilidades, seu capital intelectual e saibam utilizar as tecnologias disponíveis a seu favor.

Neste artigo relataremos o caso do movimento Concha Ativa, movimento de ocupação da concha acústica da UFPE. Um espaço localizado dentro de um estabelecimento público federal, que se encontrava ocioso e que necessitava, urgentemente, da intervenção de atores sociais, sejam ligados à comunidade acadêmica, a comunidade do entorno ou a cena cultural do Estado.

Pretendemos apresentar este modelo de ocupação transcorrendo sobre a aglutinação em torno deste comum, sobre quais tecnologias e recursos são aproveitados em nome desta articulação, quais os resultados até aqui deste movimento e como ele está situado numa macroestrutura de ocupação de espaços públicos, de alternativas de sobrevivência no mercado cultural e no resgate de valores como a colaboração, a ancestralidade e a sustentabilidade num sentindo amplo, garantindo bem-estar e realizações para além do que está limitado por dinheiro em moeda corrente.

Concha Acústica da UFPE

A Concha Acústica é um espaço que foi criado para atividades artísticas dentro da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. O espaço é, dentro

da estrutura organizacional da universidade, vinculado ao centro de convenções. Desde que foi criada ela abrigou calouradas dos alunos dos cursos de graduação da universidade e também foi alugada para alguns shows. Com a nova política da UFPE de não se ter mais calouradas no campus e com o centro de convenções priorizando eventos de maior porte em suas instalações, o espaço ficou obsoleto, gerando sua gradativa deterioração.

O espaço físico que compreende a Concha Acústica da UFPE é composto da própria concha acústica (que tem uma funcionalidade de palco), de frente ao palco há um espaço com arquibancadas onde cabem cerca de 3.000 pessoas sentadas, dois espaços denominados iglus³¹ onde há banheiros e salas, que podem ser utilizadas para reuniões e bastidores, e também uma área verde no entorno.

O cenário no início da segunda década dos anos de 2000 era de um aparelho com potencial para abrigar ações e eventos, mas que precisava de uma intervenção urgente, intervenção esta que nem o centro de convenções da UFPE nem a reitoria da universidade demonstravam querer organizar.

A Concha Acústica como comum

Nos anos de 2012, a Produtora Colaborativa – PE – ocupou a Concha Acústica oportunizando ações com o objetivo de transformar o espaço, antes abandonado, em um espaço ativo de trocas culturais baseadas nos princípios da economia criativa, autogestão e conhecimentos livres.

A partir de então a produtora adotou o local como sede e foi elaborada, de forma colaborativa, uma série de ações como mutirões para a limpeza do espaço, mapeamento da área verde, cursos de formação e eventos culturais que serviriam para movimentar o espaço e agregar atores sociais em torno de um comum, no caso a Concha Acústica.

Uma vez que houve iniciativa para o processo de reativação da Concha Acústica, que atores sociais poderiam ser aglutinados e definitivamente assumirem o local como comum? Os principais interessados foram a comunidade acadêmica, os artistas e cidadãos dos bairros circunvizinhos a universidade, pontos de cultura, coletivos e cidadãos interessados em artes, tecnologia e processos colaborativos.

Através dos esforços destes interessados surgiu o Movimento Concha Ativa, que viria a dividir entre seus integrantes as tarefas necessárias para reati-

31 O nome iglu é dado devido à semelhança, no formato côncavo, com um iglu dos esquimós.

var e otimizar o uso da Concha Acústica. Debruçaremos-nos sobre o Movimento Concha Ativa na próxima seção.

Movimento Concha Ativa

Organizado em torno da produtora cultural Colaborativa.PE³² o Movimento Concha Ativa passou a utilizar um dos iglus da Concha Acústica como local de reuniões, formações e repositório de equipamentos. Este espaço também foi equipado com um kit telecentro, doado pelo Centro de Recondicionamento de Computadores do Recife, vinculado ao grupo Marista de Educação (CRC/Marista). A chegada do kit com 11 computadores (compostos de gabinetes, mouses, teclados e monitores) possibilitou a promoção de cursos de formação em tecnologias livres além de dinamizar os trabalhos da produtora e agentes envolvidos no movimento.

Entre estes agentes os mais ativos são, além da produtora cultural Colaborativa. PE, o ponto de cultura Coco de Umbigada, situado em Olinda, no bairro do Guadalupe, que promove ações ancoradas na preservação da memória da ancestralidade negra e resistência de religiões de matriz africana, além de abrigar a rádio livre comunitária Amnésia; a TV comunitária Canal Capibaribe (primeira TV comunitária do Nordeste); o Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA) ligado a União Nacional dos Estudantes (UNE) e o ponto de cultura Laboratório Laia, sediado no município de Camaragibe, que promove eventos ligados a cultura popular e ações cineclubistas.

Além destes, ao longo de dois anos de ocupação outros coletivos foram agregados ao movimento, como o Tear Audiovisual, que promove ações cineclubistas em Olinda, e na própria concha, e o Oxe HackLab que pesquisa Metareciclagem³³, segurança na rede e soluções em *software* livre e hardware livre.

Todos esses atores e entidades passaram a buscar, juntos, soluções para movimentar cotidianamente a Concha Acústica e a compartilhar da vontade de

32 “A tecnologia social das Produtoras Culturais Colaborativas reúne um conjunto de metodologias e ferramentas digitais livres para organizar espaços de inclusão digital em empreendimentos autogestionários que oferecem produtos, serviços e saberes utilizando *softwares* livres dentro dos preceitos do comércio justo e da economia solidária. A implantação das metodologias que compõem essa tecnologia social depende apenas de dois requisitos essenciais: a existência de, pelo menos, um espaço físico acessível aos participantes e do compromisso real de um grupo de trabalho em investir energia para empreender nesse espaço”. (JATOBÁ, 2014, p. 40)

33 Rede de iniciativas e métodos relativos a apropriação crítica de tecnologia para a transformação social.

otimizar as ações de seus pontos de cultura e empreendimentos culturais. A partir de então se passou a pensar em uma maneira de utilização dos recursos materiais e simbólicos onde as atividades exercidas tivessem sustentabilidade econômica gerando protagonismo e autonomia para estes grupos. Começamos no tópico a seguir a destrinchar os recursos tecnológicos utilizados.

Ferramentas Tecnológicas

Para garantir a autonomia e estimular a produção colaborativa em torno de um comum, é preciso que as ferramentas que viabilizem estas atividades sejam também facilitadoras desta comunhão. Definir uma linha de trabalho e um norteamento ideológico requer o uso de ferramentas que tenham livre acesso, liberdade para customizações e adaptações às necessidades, e que minimizem os custos para todos os envolvidos. Nas seguintes sessões versaremos sobre o papel dos ambientes de livre de gestão, divulgação e acervo, utilizados pelo movimento Concha Ativa, e sobre os *softwares* livres utilizados para a execução autônoma e colaborativa dos projetos.

Ambientes Livres

Os ambientes livres para a gestão de projetos culturais, tecnológicos e acadêmicos são utilizados para o planejamento, divisão de tarefas, catalogação de acervo, divulgação, mídia livre, planilha de custos, tabelas de oferta e demanda, gestão de banco comunitário, etc. Estes ambientes virtuais são mantidos por doação espontânea ou editais públicos para criação, desenvolvimento e manutenção das páginas. Os mais utilizados pelos coletivos que formam o movimento Concha Ativa são o Corais³⁴, iTEIA³⁵, Escambo³⁶ e Pernambuco Nação Cultural³⁷.

O “Corais” é um ambiente virtual que proporciona uma gama elevada das etapas de desenvolvimento, execução e prestação de contas de um projeto, podendo, inclusive, ser configurado para dar conta de empreendimentos que praticam o comércio justo e a economia solidária, como a gestão de bancos comunitários e extratos de movimentações em moeda social. Além destas funcionalidades pode ser alimentada e acessada uma árvore do conhecimento que é escalonada por temas, onde conhecimentos sobre diversos assuntos são compartilhados.

34 <http://corais.org/>

35 <http://iteia.org.br/>

36 <http://escambo.org/>

37 <http://nacaocultural.com.br/>

A ferramenta permite a divisão de tarefas específicas e estimula a colaboração, através de texto colaborativo, possibilitando a participação de atores sociais presentes fisicamente ou virtualmente em espaço e tempo distintos, dinamizando assim a produção. O “Corais” é totalmente gratuito e constantemente desenvolvido através de um projeto de *metadesign*³⁸, que recebe as demandas de aperfeiçoamento dos usuários.

O iTEIA é um canal onde podem ser feitas a catalogação de material e a divulgação de produção cultural nas mais diversas linguagens, como eventos culturais, encontros e congressos. No iTEIA é cadastrado um usuário e um projeto, ao qual este usuário está ligado, permitindo dar-se os créditos a cada participante da obra e espalhar para os demais usuários do canal e para usuários de outras redes sociais³⁹ como o Facebook e o Twitter. Os produtos culturais ainda podem ser acessados e remixados livremente, via política de licenças do *creative commons*⁴⁰.

O Pernambuco Nação Cultural é um portal financiado pelo governo do Estado de Pernambuco criado para funcionar como acervo cultural digital, direcionado para as produções do referido Estado. As suas funcionalidades e condições de uso e acesso são idênticas às do iTEIA.

O Escambo.org é um ambiente virtual criado para estimular trocas entre iniciativas culturais que compartilhem dos ideais de comércio justo e economia popular solidária. Lá, além dos empreendedores culturais exporem seus produtos, serviços, saberes e demandas, ainda pode-se fazer o cálculo do custo a preço aberto que compõe as ofertas e indicar as moedas sociais que cada coletivo aceita.

Contudo, não só a gestão pode ser organizada através de plataformas livres, os *softwares* livres também são os mais indicados para projetos colaborativos e solidários, pelos mesmos motivos indicados na introdução deste capítulo.

Softwares Livres

O *software* livre proporciona liberdade para o desenvolvimento de ambientes criativos. Essa liberdade vai desde a não preocupação com licenças (ou a preocupação com licenças que permitam a remixagem e o uso compartilhado da obra) como também a possibilidade de executar programas eficazes em computadores de hardwares modestos. Há possibilidades também de alterações nos pro-

38 Projeto que abriga esforços em rede para o desenvolvimento da Plataforma Corais <http://corais.org/metadesign/>

39 O iTEIA permite conexão com outras redes, onde o conteúdo postado é compartilhado automaticamente para as suas conexões.

40 Todas as licenças *Creative Commons* estão disponíveis em <http://corais.org/node/984/>

gramas a serem usados e também na replicação das soluções desenvolvidas pelos usuários. Como falado no início do capítulo o estímulo da produção em torno do comum é um dos trunfos do *software* livre. Na dissertação de mestrado de Aracele Torres⁴¹ em História da Ciência e da Técnica (USP), é trazida uma tradução, do trabalho de Christopher M. Kelty⁴², sobre o que o comum do *software* livre:

O Software Livre é público de uma maneira particular: é um modo autodeterminado, coletivo e politicamente independente de criação de objetos técnicos muito complexos que são tornados pública e livremente disponíveis para todos-um-commons, na linguagem comum (KELTY, apud TORRES, 2013, p. 98).

Vários *softwares* livres são utilizados na execução dos projetos ligados ao movimento Concha Ativa, os que mais se destacam são: *Audacity* e *Ardour* (edição e captação de áudio), *Kdenlive* (edição de vídeo), *Jack* (gerenciamento da placa de som), *Darksnow* e *Icecast* (rádioweb), *Gimp*, *Inkscape*, *Scribus* (diagramação, vetorização e edição de imagens), entre outros menos utilizados pela maioria, mas que também suprem as demandas de maneira eficaz.

Semestralmente são ministrados cursos de formação e os *softwares* servem como importantes ferramentas no auxílio dos cursos de design, fotografia, produção cultural e *streaming*. Todos oferecidos na Concha Acústica.

No capítulo a seguir trataremos do modelo econômico acordado entre os atores sociais e respectivos coletivos para agregar valor aos produtos, serviços e saberes e balizar as trocas de maneira a tornar os empreendimentos solidários viáveis economicamente e garantir a sustentabilidade e a continuidade das ações no espaço da concha acústica da UFPE.

Gestão de recursos

Os recursos em estruturas organizacionais dizem respeito a recursos simbólicos e recursos materiais “Os recursos são propriedades estruturadas de sistemas sociais, definidos e reproduzidos por agentes dotados de capacidade cognoscitiva no decorrer da interação” (GIDDENS, 2003, p. 20). Nos processos culturais utilizados no movimento Concha Ativa existem valores compartilhados como o trabalho colaborativo, a autogestão, o comércio justo, a valorização das culturas populares e ancestrais, o apoio ao trabalho autoral e o desenvolvimento local.

41 Mestre em História da Ciência e da Técnica pela USP, desenvolveu dissertação sobre o *software* livre.

42 Historiador, Professor Associado da Universidade da Califórnia

Como um todo o trabalho evolui sob esses prismas e assim são geridos todos os recursos disponíveis, de maneira coerente e garantindo a eficácia dos projetos.

Os conceitos de Economia Criativa e Economia Popular Solidária, são guarda-chuvas conceituais que abrigam esta gama de recursos. Conceituá-los a seguir.

Economia Criativa

A economia criativa⁴³ é o arranjo econômico que contempla atividades artísticas, tecnológicas e educacionais, que visem sua sustentabilidade através de soluções que não sejam necessariamente a compra e venda de produtos e serviços nos moldes da economia de mercado (leia-se acúmulo de capital e margem de lucro).

Neste setor os empreendimentos valorizam a incorporação de capital humano unindo profissionais que empregam seu trabalho e seus saberes em torno de processos colaborativos que geram resultados financeiros, mas também agregam aprendizado e capacitação enquanto se está em pleno processo. Ou seja, o profissional se capacita enquanto faz e faz conforme se capacita.

Na economia criativa se emprega a política de degradar ao mínimo o meio ambiente, de aproveitar e de ressignificar objetos em desuso, convertendo-os em produtos de valor simbólico e econômico.

Para que o ambiente da economia criativa seja otimizado, apenas a congregação destes conceitos desejáveis pode não ser suficiente. A sistematização dos processos, sobretudo os que dizem respeito a valoração de recursos materiais, dentro do movimento Concha Ativa é balizada pela metodologia da economia popular solidária, destrinchada a seguir.

43 “A economia criativa reúne um conjunto de setores culturais cuja abrangência varia entre países e visões políticas. Para a UNESCO, a economia criativa diz respeito à economia voltada ao patrimônio natural e cultural, aos espetáculos e celebrações, às artes visuais e artesanato, aos livros e periódicos, ao audiovisual e às mídias interativas e ao design e aos serviços criativos. Neste mergulho pelo “Corais”, contemplamos estes setores e também aqueles originalmente vinculados à economia da cultura (música, dança, teatro, circo, etc.) e a produção de infraestrutura tecnológica, em especial, o *software* livre. A economia criativa tem relação direta com a economia do conhecimento, a economia movimentada pelo exercício do direito de expressão criativa, o que reforça a importância de manter viva a possibilidade de troca livre, direta e aberta entre as culturas”. (FERREIRA FILHO, LUNNA *et al.*, 2014).

Economia Popular Solidária

A economia popular solidária (SINGER, 2002) diz respeito a uma série de práticas econômicas que valorizam o comércio justo, a autogestão, refuta a exploração do trabalho, o acúmulo do capital econômico e a noção de lucro. Na economia solidária o escambo, o preço aberto⁴⁴ e o desenvolvimento local são fundamentais para a sustentabilidade dos empreendimentos criativos.

No movimento Concha Ativa as trocas se dão através de duas tabelas, uma de ofertas (aquilo que o coletivo tem pra oferecer de produtos e saberes⁴⁵) e demandas⁴⁶ que vão desde a adoção da área verde do entorno da Concha Acústica até o apoio na produção de eventos.

Para mediar essas trocas foi criada a moeda social “concha” da qual o indivíduo, que assume a demanda, se credita e a qual pode ser usada para adquirir alguns produtos e serviços da produtora Colaborativa.PE que oferta esses serviços ao movimento. O extrato e todas as movimentações realizadas em moeda social concha são publicados na plataforma Corais (sessão 3.1).

Esta metodologia permite que não apenas com dinheiro em moeda corrente se realizem os eventos e se desenvolvam os empreendimentos solidários. Através da troca, do comércio justo e da colaboração, várias ações podem ser realizadas, sem serem degradantes ao meio ambiente, nem exigirem o dispêndio de uma quantidade muito volumosa de recursos financeiros.

As atividades que o movimento Concha Ativa realiza, oriundas de todos os processos relatados até aqui, serão destrinchadas no próximo capítulo, para que possamos analisar, na prática, como funcionam o uso das tecnologias livres, a gestão dos recursos em economia solidária em torno do comum no dia a dia da ocupação.

Ações na Concha Acústica da UFPE

Conforme o colocado exposto no capítulo 2, o movimento Concha Ativa agrega diversos pontos de cultura, coletivos, TV Comunitária, rádio WEB, tele-centros, *hacklabs* e diversos atores sociais interessados em cultura. Vários deles promovem ações em suas localidades semanalmente. Pretendemos aqui falar das

44 O calculo do preço aberto é a descrição dos insumos, da logística e da força de trabalho a ser empregada nos produtos e serviços ofertados. A partir da transparência destes custos os agentes da troca podem negociar o pagamento de parte do serviço via trocas solidárias, diminuindo assim a necessidade do uso de moeda corrente.

45 Exemplo na prática <http://corais.org/conchativa/node/76660>

46 Exemplo na prática <http://corais.org/conchativa/node/76663>

duas principais ações (incluindo-se aí os cursos de formação) executadas por estes atores no espaço comum da Concha Acústica da UFPE, são eles o São Samba e o Palco Livre.

São Samba

O São Samba é um evento mensal em que se apresentam grupos da cultura popular. Conjuntos de coco, nações de maracatu, afoxés e outras manifestações de matriz africana. Por conta da recomendação da universidade para iniciar os shows musicais apenas a partir do fim do horário das aulas, criou-se como solução a realização de uma ação cineclubista chamada de Cine Concha, cuja curadoria é assumida pela TV Comunitária Canal Capibaribe e traz, em geral, documentários e programas televisivos que retratam a resistência e ancestralidade da cultura popular.

Todos os processos de criação de material de divulgação, da própria divulgação e da produção do evento em si, são realizados de forma colaborativa entre os atores envolvidos com as tarefas sendo divididas pelo “Corais” e são utilizados *softwares* livres para a confecção dos cartazes, *flyers*, *teasers* e também para a transmissão ao vivo do evento. Além de todos eles ficarem armazenados no acervo cultural digital do portal iTEIA⁴⁷.

Os grupos que se apresentam são escolhidos de acordo com a viabilidade dos mesmos, e em geral são encontros bastante movimentados, agregando a comunidade acadêmica com os envolvidos, mais diretamente com o movimento Concha Ativa. Na próxima seção falaremos do Palco Livre, que por ser um festival de bandas, demanda processos de seleção que envolvem pontuação através das práticas solidárias que a iniciativa cultural propõe-se a executar.

Palco Livre

O Palco Livre é uma seletiva de bandas ou músicos solo que visa selecioná-los para o festival anual “Expoidea: a feira do futuro”⁴⁸. A edição de 2013 da Expoidea foi realizada no mês de outubro/2013. Neste período ocorreram sete seletivas dentro da programação do Palco Livre.

Para participar do Palco Livre as bandas precisam criar um perfil na Plataforma Corais, solicitar participar do perfil do movimento Concha Ativa no Co-

47 Perfil da Colaborativa.PE no iTEIA: <http://www.iteia.org.br/colaborativape>

48 Feira que envolve tecnologia, meio ambiente e inovação. Mais detalhes em <http://expoidea.com.br>

rais e preencher um formulário de inscrição. A partir daí, o sistema de pontuação se dá através de publicação de conteúdos no iTEIA, Pernambuco Nação Cultural, quantidade de acessos a estes conteúdos e quantidade de trocas solidárias da entre a iniciativa cultural e o movimento Concha Ativa.

Em cada edição mensal do Palco Livre quatro bandas são selecionadas para se apresentar na concha. Além de poder divulgar o trabalho através da apresentação, as bandas têm os seus shows transmitidos ao vivo via internet. Também é feita a gravação destes shows que são armazenados no perfil da Expoidea no iTEIA, o que permite a banda acessar e promover estas apresentações em períodos distantes do dia em que foi exibido no Palco Livre.

No dia da Expoidea quatro bandas selecionadas, a partir deste processo, se apresentam fechando a cultural do evento. Portanto, além de ser uma atividade que estimula a colaboração entre os agentes, o Palco Livre dá suporte a um evento anual maior, oportunizando as bandas a impulsionarem as suas carreiras artísticas.

Conclusão

Neste recorte tentamos expor como o movimento Concha Ativa se articulou em torno de um comum, agregando diversos atores sociais motivados pela vontade de ressignificar o local e se utilizar de seus próprios recursos intelectuais, materiais e tecnológicos para promover a otimização de um espaço cultural obsoleto. Uniram-se para adquirir empoderamento e ir além dos limites de um aparelho encravado na estrutura física da Universidade Federal de Pernambuco.

Não devemos nos limitar a situar o movimento Concha Ativa só como uma ação dentro da UFPE, devemos entender esta ocupação e as ações que são fruto dela como ações estruturantes porque atingem, a partir de uma microestrutura, as macroestruturas da demanda por espaços públicos e da necessidade dos coletivos em não depender de intermediadores, como as grandes gravadoras, por exemplo.

Em seu conceito de dualidade da estrutura, Anthony Giddens (2003), aponta que as estruturas só podem ser colocadas como tal, no momento em que elas estão em movimento e em plena modificação, deixando de lado um certo tipo de misticismo sociológico que denota a determinação das estruturas. As estruturas são estruturadas e estruturantes, e é isto o que acontece a cada momento de ocupação que a Concha Acústica da UFPE vivencia. Um mosaico de trocas que visa desenvolver o local e as necessidades dos coletivos envolvidos, mas que ao mesmo tempo estão inconformados e vislumbram um cenário muito mais inclusivo para os espaços públicos e para o mercado da cultura como um todo.

Referências

COHEN, I. Teoria da estruturação e práxis social. In: Anthony. Giddens e Jonathan Turner (orgs.) *Teoria Social Hoje*, 1ª edição, São Paulo: UNESP, 1999.

DOMINGUES, J. M. *Teorias sociológicas no século XX*. 3ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FILHO, I. F. F.; LUNA, C. E. F. et al. *Coralizando: um guia de colaboração para a economia criativa*. Disponível: <<http://corais.org/colabor>, 2014>. Acesso em: 20 de agosto de 2014.

GIDDENS, A. *A constituição da sociedade*. 1ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JATOBÁ, P. H. *Desenvolvimento de Ambientes Virtuais de Aprendizagem e Gestão Colaborativa: Casos de Cultura Solidária na Economia Criativa*. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Gestão Social da Universidade Federal da Bahia. 202 p., 2014.

LUNA, C. E. F.; CABRAL, T. S.; MORAES, J. G. de. *A Nova Configuração da Indústria da Cultura e o Papel dos Agentes na Gestão de Carreiras e Políticas Para a Cultura*. IV Encontro Nacional da Ulepicc – Brasil. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: http://ulepiccbrasil4.com.br/anais/pdf/gt4/LUNA,_CABRAL,_MORAIS_a_nova_configuracao_da_industria_da_cultura_e_o_papel_dos_agentes_na_gestao_de_carreiras_e_politicas_para_a_cultura.pdf. Acessado em: 28 de agosto de 2014.

SINGER, P. *Introdução à economia solidária*. 1ª edição, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

TORRES, A. L. *A tecnoutopia do software livre: uma história do projeto técnico e político do GNU*. Dissertação de Mestrado para o curso de História da Ciência e das Técnicas, Universidade de São Paulo, 2013.

■.....**Carlos Eduardo Falcão Luna** é bacharel em Ciências Sociais pela UFRPE (Universidade Federal Rural de Pernambuco) e desempenha as atividades de articulação, comunicação, produção cultural e gestão de projetos no coletivo Tear Audiovisual. Desempenha também atividades ligadas ao movimento #ConchaAtiva junto a Produtora Colaborativa.pe e demais coletivos, telecentros, pontos de cultura, TV's e Rádios Comunitárias inseridas na rede. Prestou serviços de pesquisa social para a Igreja Presbiteriana do Pina (Recife/PE) e Noar Linhas Aéreas. Participou do grupo de pesquisa em economia solidária na UFRPE, foi monitor no projeto de extensão Arte e Linguagem na Zona da Mata Sul de Pernambuco e é extensionista da Ciranda Filosófica, projeto ligado à pós-graduação em direitos humanos da UFPE.

■.....**Isaac “yzak” Filho** é licenciado em Ciências Sociais (UFPE) e pesquisador independente em tecnologias livres. Atualmente é técnico em inclusão digital no Centro de Recondicionamento de Computadores do Recife trabalhando com telecentros comunitários e conteúdos de formação em tecnologias livres. É idealizador do Coletivo Marista de Tecnologias Livres. É colaborador da rede PE Livre, rede MetaReciclagem, coletivo TearAudiovisual e Oxe HackLab. Coordena oficinas sobre tecnologias livres, metareciclagem e desconstrução de tecnologia.